



GT15 - Educação Especial – Trabalho 662

A LIBRAS COMO DISCIPLINA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PESQUISA COM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE CAXIAS – MA

Eulânia Maria Ramos Bastos - UFMA

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo analisar se os professores da escola estadual da cidade de Caxias – MA consideram importante a inclusão da Libras como disciplina curricular na educação básica. Os dados foram obtidos por meio de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados uma entrevista estruturada contendo cinco (5) questões que foram aplicadas a seis (6) professores que trabalham com surdos na rede estadual. Diversos autores contribuíram para subsidiar essa pesquisa, dentre eles, Quadros (2006), Skliar (2015; 2005), Lacerda (2011), Minetto (2008), Honora (2014), Coll (2000), Apple (2000), Ferreira – Brito (1997), Strobel (2016), Karnoop (2012), dentre outros, além de alguns documentos legais como a Lei 10.436/02 e o Decreto 5.626/05. As análises apontaram que todos os professores consideram de grande relevância a inclusão da disciplina de Libras na educação básica para facilitar a inclusão de estudantes surdos através de uma educação bilíngue. Como resultado, constatou-se que a Libras precisa ser incluída como disciplina em nossas escolas de educação básica, para que o surdo tenha acesso a uma educação bilíngue como está na Lei.

Palavras – Chave: Libras; Surdo; Currículo; Bilinguismo; Educação Básica.

1 INTRODUÇÃO

Na educação de surdos encontramos grandes barreiras que dificultam a inclusão destes na escola regular. É visível, em nossas escolas, o despreparo da maioria dos professores para o atendimento das necessidades desse público, reforçando o quadro de exclusão, e possível evasão, no qual esses alunos, historicamente, já fazem parte. Aspectos próprios da cultura do surdo são relegados, desvalorizados ou mesmo banidos dos currículos escolares por preconceito, ou mesmo, falta de conhecimentos. A proposta pedagógica que deveria ser inclusiva e baseada nas diferenças culturais, sociais,

históricas, serve, muitas vezes, para perpetuar um sistema de ensino homogêneo, excludente e “silenciador” de possíveis potenciais de seus alunos.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras, oficializada como língua natural do surdo brasileiro por meio da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo Decreto 5.626/05 é uma das características mais marcantes de identidade do povo surdo Brasileiro. É com ela que os surdos se comunicam, estabelecem as relações sociais e reforçam sua identidade surda.

Uma das grandes dificuldades que os surdos enfrentam, dentre tantas em nossas escolas, é o fato do desconhecimento, por parte de outros alunos e da equipe escolar, com relação a língua utilizada por eles, a Libras. Uma das maneiras de minimizar esse problema e estabelecer melhores formas de comunicação e socialização do surdo, dentro do cenário escolar, é a inclusão da Libras como disciplina na educação básica.

Com base nessa perspectiva, esse trabalho se justifica pela importância da reflexão sobre a inserção da Libras enquanto disciplina curricular, pois, somente a partir dessa inserção, todos, alunos e professores, terão acesso a Libras, possibilitando uma educação bilíngue aos nossos alunos, permitindo assim, uma inclusão efetiva, com professores qualificados e alunos tolerante as diferenças em todos os sentidos, principalmente no aspecto linguístico.

Para início dessa pesquisa, partimos do seguinte problema: Os professores da escola estadual A. C. consideram importante a inclusão da Libras como disciplina na educação básica? Com base nessa problemática delineou-se o objetivo central desta pesquisa: Analisar se os professores da escola estadual da cidade de Caxias – MA consideram importante a inclusão da Libras como disciplina curricular na educação básica. Desse objetivo central originou-se dois objetivos específicos, são eles: identificar se os professores sentem dificuldades na comunicação com o estudante surdo e, perceber se os professores sentem a necessidade de fazer cursos de Libras para otimizar essa comunicação.

Essa pesquisa é de carácter qualitativo do tipo exploratória e, tem como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica e coleta de dados utilizando-se da entrevista estruturada como instrumento de pesquisa. Foi apoiada nas contribuições de autores diversos, conceituados na área como: Quadros (2006), Skliar (2015; 2005), Lacerda (2011), Minetto (2008), Honora (2014), Coll (2000), Apple (2000), Ferreira – Brito (1997), Strobel (2016), Karnoop (2012), dentre outros, além de alguns documentos

legais como a Lei 10.436/02 e o Decreto 5.626/05, que serviram também de subsídios para a pesquisa.

Com este trabalho pretendemos contribuir com as discussões acerca da importância inserção da Libras como disciplina curricular em nossas escolas de educação básica como um meio de facilitar a inclusão do surdo, já que é a Língua natural dele e um direito seu, o acesso à uma educação bilíngue para desenvolver-se integralmente.

Esta pesquisa está estruturada em tópicos e possui o seguinte sequenciamento: no item 1 os aspectos introdutórios, no tópico dois (2) tratamos um pouco sobre a Língua de Sinais Brasileira – Libras, destacando brevemente seu surgimento e conceito; no item três (3) trouxemos reflexões acerca das implicações da Libras enquanto disciplina curricular na educação básica; na sequência o item quatro (4): análise e discussão dos dados coletados na pesquisa, no tópico cinco (5) as considerações finais e, por último, as referências.

2 O QUE É A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS?

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002). Portanto, a Libras é a língua natural dos surdos brasileiros e segunda língua oficial do Brasil de acordo com a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e, como tal, possui todos os elementos constituintes de uma língua como gramática, semântica, pragmática, dentre outros, preenchendo assim, todos os requisitos científicos para ser considerada como uma língua, necessitando de prática e tempo para seu aprendizado como qualquer outra língua (FENEIS, 1999). Sobre isso, Ferreira – Brito (1997, p. 23) menciona o seguinte:

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam também especificidades, mas seguem também princípios básicos gerais. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. A LIBRAS é a língua utilizada pelos surdos que vivem em cidades do Brasil onde existem comunidades surdas, portanto não é uma língua universal.

A Libras, por se tratar de uma língua visual – espacial, a comunicação se dá por meio de canais diferentes, utiliza-se as mãos para “falar” e os olhos para “ouvir”, diferentemente da Língua portuguesa, de natureza oral – auditivo, onde se utiliza a oralidade e a audição para a comunicação, dentre outras especificidades linguísticas próprias presentes nas duas línguas.

3 A LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

São incontestáveis as mudanças que vem acontecendo diariamente em todos os âmbitos da sociedade. Essas mudanças revelam, com maior veemência, as diferenças sociais presentes em nosso dia a dia. Por outro lado, o reconhecimento dessas diferenças, impulsionam movimentos que buscam minimiza – las em prol de uma sociedade menos excludente e com valores sociais mais equitativos.

Quando compreendemos a escola como reflexo dessa sociedade de mudanças e vice-versa, percebemos que, se uma se transforma, imediatamente a outra corresponde. Atualmente somos amparados por várias legislações que defendem uma educação mais igualitária para todos, segunda elas, a educação deve considerar a pessoa de forma integral, favorecendo seu desenvolvimento global com fins a sua inclusão em todos os segmentos da sociedade.

As políticas educacionais, para muitos, sempre se mostraram democráticas, no entanto, sugeriam currículos fechados sem possibilidades de adaptações (MINETTO, 2008). Quando nos referimos a uma educação inclusiva, é de fundamental importância, uma política pedagógica e uma proposta curricular que considerem as diversas identidades, as diferenças e o multiculturalismo. Em se tratando da educação para surdos, deve-se valorizar o aspecto cultural da diferença surda diante da cultura homogênea ouvintista¹.

Com relação ao conceito curricular, Coll (2000, p. 45) destaca:

Entendemos o currículo como o projeto que preside as atividades educativas escolares, define suas intenções e proporciona guias de ação adequadas e úteis para os professores, que são diretamente responsáveis pela sua execução. O currículo proporciona informações concretas sobre o que ensinar, quando ensinar, como ensinar e o que, como e quando avaliar. Um currículo é uma tentativa de comunicar os propósitos educativos de tal forma que permaneça aberto à discussão crítica e possa ser efetivamente transladado em prática.

¹ Segundo Skliar (2016) o termo “Ouvintismo” e as suas derivações “ouvintização”, “ouvintistas”, etc, sugerem uma forma particular e específica de colonização dos ouvintes sobre os surdos. Supõem representações, práticas de significação, dispositivos pedagógicos, etc., em que os surdos são vistos como sujeitos inferiores, primitivos e incompletos.

O currículo envolve toda a subjetividade dos atores envolvidos no processo de sua construção como o professor, o aluno, sua família, a comunidade e todo o contexto escolar. Nele, deve ser contemplado os múltiplos valores, identidades e histórias dos sujeitos envolvidos.

O currículo nunca é simplesmente como uma montagem neutra de conhecimentos, que de alguma forma aparece nos livros e nas salas de aula de um país. Sempre parte de uma tradição seletiva, da seleção feita por alguém, as visões que algum grupo tem do que seja o conhecimento legítimo. Ele é produzido pelos conflitos, tensões e compromissos culturais, políticos e econômicos que organizam e desorganizam um povo. (APLLE, 2000, p. 53)

O currículo deve ser visto como uma construção social, pois está diretamente ligado com o momento histórico de uma determinada sociedade que, a partir de diversas realidades, estabelece objetivos em relação aos conhecimentos que pretende construir através de conteúdos também diversos e específicos.

É importante compreendermos o que de fato é o currículo, como se constitui e a relevância que tem no tipo de formação, que se oferta aos educandos, para que assim, possamos entender a complexidade deste, quando nos referimos a uma educação multicultural, baseada no respeito às diferenças, visando a inclusão de todos os sujeitos de forma integral.

Com o número crescente de surdos que chegam, cada vez mais, em nossas escolas, devemos ter como ponto de partida, uma proposta pedagógica que contemple as necessidades e especificidades desse público. Essa proposta pedagógica, deve se pautar, no reconhecimento de que o surdo pertence a uma cultura surda², utiliza-se de uma língua diferente da Língua Portuguesa, entretanto, é dotado de potenciais e habilidades como qualquer outro aluno.

Quando nos referimos a uma educação bilíngue, onde a Libras e a Língua Portuguesa passam a coexistir no mesmo cenário escolar, devemos considerar a inserção da Libras enquanto disciplina curricular, desde a educação infantil, até o ensino médio.

² Segundo Strobel (2015), a cultura surda se refere a comportamentos, valores, regras e crenças, que permeiam e preenchem nas comunidades surdas. Dentre os elementos principais da cultura surda estão às experiências visuais e as linguísticas que são essenciais para os indivíduos surdos.

O ensino de libras vem sendo reconhecido como caminho necessário para uma efetiva mudança nas condições oferecidas pela escola no atendimento escolar desses alunos, por ser uma língua viva, produto de interação das pessoas que se comunicam. Essa língua é um elemento essencial para a comunicação e fortalecimento de uma identidade Surda no Brasil e, dessa forma, a escola não pode ignorar no processo de ensino aprendizagem.

Diferente dos ouvintes, grande parte das crianças surdas chegam a escola sem o conhecimento da língua, sendo que, grande parte delas vem de famílias ouvintes, que não sabem a língua de sinais, portanto, a necessidade que a Libras seja, no contexto escolar, não só língua de instrução, mas, disciplina a ser ensinada. Por isso, é imprescindível que o ensino de Libras seja incluído na educação básica, para que o surdo possa adquirir uma língua e posteriormente receber informações escolares em língua de sinais. Além disso, possibilita também, ao aluno ouvinte, conhecer a Libras, facilitando e estimulando a socialização e interação dos alunos surdos e ouvintes na escola.

A escola é muito importante na formação dos sujeitos em todos os seus aspectos. É um lugar de aprendizagem, de diferenças e de trocas de conhecimento, precisando, portanto, atender a todos sem distinção, a fim de não promover fracassos, discriminações e exclusões.

O papel da língua de sinais na escola vai além da sua importância para o desenvolvimento do surdo, por isso, não basta somente a escola colocar duas línguas em sua proposta educacional, é preciso que haja a adequação curricular necessária, apoio para os profissionais especializados para favorecer surdos e ouvintes, a fim de tornar o ensino apropriado a particularidade de cada aluno. Sobre isso, Skliar (2005, p. 27) ressalta que “usufruir da língua de sinais é um direito do surdo e não uma concessão de alguns professores e escolas”.

A escola deve apresentar alternativas voltadas às necessidades linguísticas dos surdos, promovendo estratégias que permitam a incursão e o desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua. Mas, de que maneira, os professores podem contribuir nesse processo?

Autores como Lacerda et al (2011) defendem o uso de uma pedagogia visual para facilitar o aprendizado de alunos com surdez.

Nessa direção, a imagem (e sua perspectiva semiótica) é um objeto de estudos e de pesquisa que pode produzir conhecimentos, bem como formas de apropriação da cultura/conhecimento que nos permitam usufruir do mundo das imagens e não sermos passivos ao bombardeio de imagens ao qual estamos expostos diante da televisão, jornal, revistas, publicidade, internet, entre tantos. A escola pode colaborar para a exploração de várias nuances da imagem, signo, significado visual na prática educacional cotidiana, oferecendo subsídios para ampliar os “olhares” aos sujeitos surdos e a capacidade de captar e compreender o ‘saber’ e a ‘abstração’ do pensamento imagético. (LACERDA et al., 2011, p. 108)

Nessa perspectiva, é importância a presença de professores surdos em nossas escolas. Para Ladd e Gonçalves (2011) os professores surdos evidenciam em suas práticas docentes características genuínas da “pedagogia surda”, por serem nativos da língua de sinais, desenvolvem de forma “intuitiva” e natural essa prática. Um outro aspecto relevante, na defesa de mais professores surdos em nossas escolas, diz respeito a questão da identidade surda.

Sabemos que a nossa identidade é construída ao longo de nossa existência e para tal, necessitamos de modelos de referência que nos auxiliem na construção dessas. Na educação de surdos, o professor surdo se constitui como principal modelo de referência para o aluno surdo. A identidade surda se constrói, na medida em que, o indivíduo surdo, convive e estabelece relações com outros indivíduos surdos. Quanto mais a pessoa com surdez tiver uma identidade surda, mais inserida estará na cultura surda. Esse fortalecimento da cultura surda é importante para que as pessoas possam se reunir para discutir seus direitos. Daí a importância de se ter mais professores surdos em nossas escolas. Honora (2014)

Para RANGEL e STUMPF (2012) devemos levar em consideração alguns aspectos na elaboração da proposta curricular na educação de surdos.

Uma política pedagógica e uma proposta curricular que celebrem os temas “identidade” e “diferença”, enfatizando o aspecto cultural da diferença surda diante da cultura homogênea; maior contato do professor surdo com educadores surdos e educadores que atualmente estão pesquisando e aprofundando-se em aspectos específicos de ensino e aprendizagem dos surdos; privilégio a atores surdos que tomem parte da construção identitária diferente, como como se quer em matéria de educação dos surdos, em oposição à identidade dita “normal” que o surdo que o surdo não vai conseguir atingir. (RANGEL e STUMPF, 2012, P. 122)

Esses aspectos somente serão levados em consideração se o currículo da escola for flexível e passível de mudanças e adequações às necessidades de seu público. Um currículo inclusivo deve contemplar as particularidades dos sujeitos que o constituem, todos os alunos podem se beneficiar dele, pois é possível encontrar diferentes

formas de atender à diversidade. Portanto, percebe-se que não é algo fácil de se executar na prática, exige preparo, disposição, qualificação e a incessante busca pela formação continuada dos docentes e de toda a equipe envolvida nesse cenário.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Buscando responder se os professores da escola municipal A.C. no município de Caxias – MA consideram importante a inclusão da Libras como disciplina na educação básica, elaboramos cinco (5) perguntas e aplicamos a seis (6) professores da respectiva escola, situada no bairro Trezidela.

Com base nesses questionamentos e nas respostas oferecidas pelos participantes faremos uma análise e interpretação dos dados obtidos, as perguntas e respostas estarão expostas abaixo:

1. **Você tem algum curso na área de língua Brasileira de Sinais – Libras? Sabe se comunicar em Libras?**

Professor 1	“Nenhum, a comunicação é mínima utilizando apenas o abecedário da Xuxa”
Professor 2	“Não, pouquíssimo”
Professor 3	“ Não tenho e não sei me comunicar”
Professor 4	“Sim, tenho um curso de 40h, mas sei me comunicar muito pouco”
Professor 5	“Não. Não”
Professor 6	“ Não tenho curso, nem sei me comunicar em Libras”

Quadro 1. Fonte: participantes da pesquisa.

Com base nas respostas dada pelos participantes percebemos que nenhum deles sabe se comunicar em Libras e, apenas um, tem um curso de 40h, o que não oferece suporte para esse profissional estabelecer uma comunicação eficiente com seu aluno surdo, por se tratar de um curso básico. Segundo Honora (2014, p. 120) “uma pessoa demora em média 3 anos para aprender a se comunicar na Língua Brasileira de Sinais. ” No artigo 4º da Lei 10.436 expressa a obrigatoriedade de as instituições de formação docente inserirem em seus currículos a disciplina de Libras (BRASIL, 2002). Com essa obrigatoriedade, espera-se que o processo de inclusão do aluno surdo se dê com mais eficiência, já que os docentes terão oportunidade de conhecer, não somente a Libras, mas aspectos próprios da cultura do surdo.

Entretanto, temos que ter o cuidado com relação a alguns aspectos como: como essa disciplina será ofertada para esses professores em formação? Que conteúdos serão ministrados? Quem irá ministra-la? Que carga horária é suficiente para que esse futuro professor tenha condições de atuar junto ao aluno surdo? Uma Língua demanda tempo para seu aprendizado, uma disciplina de 40h ou mesmo 60h não é suficiente para o aprendizado de todos os aspectos relacionados a cultura surda e, muito menos, sair fluente em Libras. Há, a necessidade do contato permanente com o povo surdo, de participar de suas lutas, de conhecer suas necessidades e identidades surdas, por isso, o profissional que irá ministrar essa disciplina, deve ser preferencialmente surdo, pois já pertence a esse meio e possui fluência em sua Língua. (QUADROS, 2006)

Os professores investigados obtiveram o título de graduado antes da Lei 10.436/02 e, em suas graduações, não foi ofertada a disciplina de Libras. No entanto, já que possuem alunos surdos, é importante procurar se capacitar através de cursos, pós-graduações, etc., para que a Libras não seja ignorada no processo de ensino aprendizagem do aluno surdo. Além disso, somente conhecendo a Libras, esses professores terão condições de conhecer as especificidades próprias da língua, as diferenças entre a Língua Portuguesa, e conseguirão, com mais facilidade, se comunicar com seu aluno surdo. (FERREIRA – BRITO, 1997)

Nesse sentido, percebemos o quanto é importante o conhecimento da Libras, por parte dos professores e de toda a comunidade escolar, para a inclusão do aluno surdo, uma vez que ele, deve ser respeitado em sua condição linguística por parte de toda equipe docente e os outros alunos.

2. Como você faz quando quer se comunicar com seus alunos surdos em sala de aula?

Professor 1	“Eu conto com ajuda de intérprete de Libras na sala, geralmente recorro a ela para realizar essa comunicação”
Professor 2	“Conto com ajuda de uma intérprete de Libras”
Professor 3	“Peço auxílio dos profissionais contratados para tal função”
Professor 4	“Peço ajuda do intérprete de Libras que está em sala de aula, sem ele não consigo me comunicar direito com o aluno”
Professor 5	“Conto com ajuda dos colegas de turma que conhecem o aluno e sabem se comunicar com ele ou com a intérprete de Libras”
Professor 6	“Uso gestos”

Quadro 2. Fonte: participantes da pesquisa.

Percebe-se, de acordo com as respostas dos professores, que a comunicação dos professores com seus alunos surdos, somente é possível, por conta da presença do interprete/tradutor de língua de sinais em sala de aula. O Decreto 5.626/05 em seu capítulo VI, que trata sobre a garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva, ressalta no seu inciso II que:

Escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes das singularidades linguísticas dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras – Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005, P. 6)

A presença do tradutor/interprete de Libras é obrigatória em salas de aula comum, quando se tem matriculados estudantes surdos, para que todo o conteúdo ministrado em sala de aula em Língua Portuguesa seja traduzido/interpretado para Libras e vice-versa. É muito importante ressaltar que, apesar da escola está cumprindo o que está no Decreto 5.626/05 acerca da presença desses profissionais em sala de aula, a comunicação do professor com seu aluno surdo não pode ficar restrita somente a presença do interprete/tradutor de Libras, uma vez que esse aluno é aluno do professor da sala de aula e não do interprete.

Um dado interessante na resposta do professor 5, é que este pede ajuda, também, aos alunos ouvintes que sabem se comunicar em Libras. Essa alternativa pode ser um dos recursos a ser utilizado pelo professor, quando este não tem conhecimento algum sobre a Libras, pois, muitas vezes os alunos ouvintes, convivem no dia a dia com o aluno surdo e acabam aprendendo a Libras, facilitando a comunicação do aluno surdo com o professor, como também com outros alunos ouvintes que não sabem Libras.

O uso de gestos, relatado pelo professor 6, é comum na tentativa de comunicação com o aluno surdo, quando não se sabe Libras, porém, constitui-se como uma das barreiras de comunicação com surdo, trazendo transtorno, constrangimento e não respeitando o surdo em sua condição linguística. (SKLIAR, 2015)

3. Você acha importante na educação básica ter a Libras como disciplina curricular para todos os alunos? Por quê?

Professor 1	“Com certeza, já que trabalhamos na perspectiva da inclusão. Nada mais justo que todos possam se comunicar independente da deficiência (surdo, mudo, cedo) que possuem”
Professor 2	“Sim, pois assim facilitaria a comunicação entre os mesmos e os deficientes auditivos sentiam-se tão capazes quanto os outros”
Professor 3	“Sim, pois como todas as instituições de ensino terão que receber alunos que procuram educação inclusiva, torna-se importante que tanto discentes como docentes tenha conhecimento da referida disciplina. ”
Professor 4	“Com certeza, pois facilita a interação entre todos os alunos com e sem deficiência”
Professor 5	“Sim e até mesmo em todos os cursos superiores porque trata-se de uma realidade que envolve respeito e inclusão”
Professor 6	“Sim, porque pode haver maior interação entre os alunos surdos e ouvintes”

Quadro 3. Fonte: participantes da pesquisa.

Todos os professores foram unânimes em afirmar a importância da Libras como disciplina na educação básica. Se o currículo de uma escola inclusiva deve contemplar todos os alunos independente de suas necessidades (MINETTO, 2008), nada mais apropriado que, uma escola que possui surdos matriculados ter como disciplina a Libras, uma vez que, esta é parte integrante da cultura surda e seu principal meio de comunicação.

A educação de surdos através do Bilinguismo é legal, garantida pela Lei N° 10.346/2002 e regulamentada pelo decreto N° 5.626/2005, que no Capítulo IV, art. 14, § 1° prevê a necessidade de “ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos” e ainda “prover as escolas com professor para o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas” (BRASIL, 2005).

A Libras, enquanto disciplina curricular, possibilitará a todos os alunos, desde a educação infantil, o acesso a Libras, sobretudo, aqueles alunos surdos que chegam na escola sem saber se comunicar em língua de sinais, pois nasceu em uma família de ouvinte e não possui qualquer referência de identidade surda.

Para Goldfeld (1997, p. 40) é necessário o surdo adquirir a língua de sinais e a língua oficial de seu país, mas somente na modalidade escrita e não oral. Essa pesquisadora afirma ainda que deva ocorrer “[...] esta aquisição, preferencialmente, através do convívio da criança surda com outros surdos mais velhos, que dominem a língua de sinais”. Daí a importância de se trabalhar na perspectiva de uma educação bilíngue, onde a Libras seja o suporte para o aprendizado da Língua Portuguesa.

4. Quais as principais dificuldades que você enfrenta em sala de aula com seus alunos surdos?

Professor 1	“A dificuldade de comunicação, já que não sei me comunicar através de Libras; dificuldades de avaliações e testes, já que os mesmos possuem dificuldades em expressar suas respostas de forma discursiva”
Professor 2	“Dificuldade de comunicação e adaptação de conteúdo”
Professor 3	“É angustiante, enquanto docente, ver o seu aluno se reportar e você não ter como entendê-lo dentro das suas limitações”
Professor 4	“A principal é para que ele entenda todo conteúdo trabalhado em sala de aula, outro aspecto é a comunicação, pois não sei Libras muito bem”
Professor 5	“Não saber se comunicar, planejar de maneira mais direcionada e claro, o acompanhamento dos pais é importante”
Professor 6	“De comunicação, não sei se o aluno realmente entendeu o que foi dito ou explicado”

Quadro 4. Fonte: participantes da pesquisa.

Para os professores, como já era previsto, a comunicação com o aluno surdo é um dos principais entraves em sala de aula, uma vez que não possuem conhecimento da Libras e, portanto, não estabelecem comunicação direta com seus alunos surdos. Um outro aspecto detectado é a questão da adaptação de conteúdo.

Não podemos pensar em uma educação de qualidade para o surdo quando não se tem nem uma formação básica para atendê-lo, quando não se conhece suas necessidades e singularidades. A educação, como prática social, requer políticas de formação de professores que os capacite a enfrentar e responder as demandas específicas dos seus alunos. E isto é particularmente importante quando se trata de professores de surdos que necessitam criar situações didáticas e currículos adaptados que oportunizem o aluno surdo a desenvolver suas habilidades linguísticas na língua materna - Libras - para que essas habilidades possam apoiá-lo nas competências da escrita da Língua Portuguesa.

Com relação a dificuldade de o surdo expressar suas respostas de forma discursiva, como relatada pela professora 1, Karnoop (2012, p. 227) diz que “as produções textuais de surdos, muitas vezes consideradas “erradas” e como “não textos” possui uma explicação lógica, científica, linguística, histórica, psicológica, sociológica, que é frequentemente negada pelos seus educadores”. A estrutura gramatical das duas línguas – Libras e Português são diferentes, as dificuldades expressadas pelos alunos surdos na escrita do português muitas vezes é reflexo do conhecimento e do uso somente da Libras,

isso não significa que o aluno escreveu errado ou tem dificuldades na escrita em Português, significa que ele está escrevendo tendo como parâmetro somente o uso de sua própria Língua, a Libras.

É imprescindível que os professores busquem se capacitar e que a escola seja um local que oportunize essa formação em serviço. Somente a partir da busca constante para aperfeiçoar sua prática é que o professor irá adquirir saberes docentes necessários para transformar e melhorar sua ação docente. (SILVA et al, 2011).

5. Você sente necessidade de fazer cursos de Libras para melhorar sua comunicação com seus alunos surdos?

Professor 1	“Sem dúvidas, o ideal seria que todos os professores tivessem realizado um curso de Libras que facilitaria a comunicação entre os envolvidos, no entanto, os alunos surdos foram inscritos nas salas com alunos sem essa deficiência sem que os professores tivessem passado por nenhum curso na área”
Professor 2	“Sim”
Professor 3	“Sim, não somente como docente, mas todos os profissionais envolvidos direta e indiretamente necessitam ter conhecimento e prática da referida disciplina, de modo que possa melhor atender à clientela que necessita de educação inclusiva”
Professor 4	“Com certeza, preciso me aprofundar na Libras para conseguir me comunicar com meus alunos”
Professor 5	“Sim, bastante. Acho que as Universidades em parceria com o governo poderiam oferecer cursos de extensão para qualificar os professores e demais interessados”
Professor 6	“Sim! Mas é difícil. Disponibilidade de tempo e facilidade por conta do governo em propiciar o curso para os professores”

Quadro 5. Fonte: participantes da pesquisa.

Percebemos que todos os professores pesquisados sentem essa necessidade devido à grande dificuldade de comunicação existente entre eles e o surdo. Mas, percebemos que, o fato de ter um intérprete de Libras em sala de aula, de certa forma, acomoda esse professor, pois ele se apoia na presença desse profissional e recorre a ele todas as vezes que se faz necessário.

A função do intérprete/tradutor de Libras em sala de aula é diferente da função do professor. Este apenas traduz a aula da Língua Portuguesa para Libras e vice-versa. Já o professor é quem ensina, quem tira as dúvidas, quem promove a aprendizagem de seus alunos. É importante ele ter consciência que aquele aluno que está em sala é aluno dele e não do intérprete de Libras. Portanto, se estamos lutando por uma educação bilíngue, é necessário que esse professor tenha conhecimentos acerca da Libras, que conheça

particularidades da cultura de seu aluno, que saiba identificar suas necessidades para facilitar a adaptação de conteúdo, que o respeite em sua condição linguística e que, a busca por aprender a Libras não seja uma imposição da Lei, mas sim, uma tomada de consciente pelo respeito a diversidade e a diferença do outro.

5 CONCLUSÃO

Percebemos, nos professores que já atuam com surdos, uma tomada de consciência acerca dos direitos de inclusão desses indivíduos. Esse direito perpassa pelo respeito, aceitação e inserção da Libras, enquanto disciplina, nas nossas escolas regulares, para que seja oportunizado ao surdo, na mais tenra idade, o contato com sua língua natural, e dessa maneira, desenvolver os aspectos linguísticos referentes a mesma e facilitar o acesso ao aprendizado da Língua Portuguesa, na modalidade de leitura e escrita, por meio de uma educação bilíngue.

Além disso, os alunos ouvintes terão oportunidade a uma educação bilíngue também, uma vez que aprenderão, não somente a Língua Portuguesa, mas a Libras também, facilitando a comunicação com os colegas surdos, proporcionando uma maior socialização de todos e tornando a Língua de Sinais Brasileira – Libras, uma Língua natural de se falar e conviver, principalmente no espaço escolar.

A inserção da Libras como disciplina oportunizará também, aos professores, a busca pela qualificação para atender a demanda exigida. Através dessa qualificação, terão oportunidade de se aprofundar acerca da cultura do surdo e isso influenciará, não somente em suas práticas docentes, e conseqüentemente no aprendizado da criança surda, mas também, na construção de uma proposta pedagógica menos ouvintista e mais adequada as necessidades do aluno surdo.

Um aspecto positivo da inclusão da Libras como disciplina, é um maior contato dos professores com a mesma, minimizando as dificuldades resultantes do não domínio da Libras, que acarreta, complicações na comunicação, além de constrangimento e exclusão do surdo na escola, uma vez que sua comunicação fica restrita somente ao interprete/tradutor de Libras e a alguns alunos que conhecem um pouco dessa Língua. Daí a necessidade, não somente de fazer cursos, o que foi relatado pelos professores, mas também do contato permanente com o povo surdo, de conhece-lo e participar da sua luta pelo reconhecimento e efetivação de seus direitos.

Outro benefício, que pode resultar da inclusão da Libras como disciplina, é uma maior presença de professores surdos dentro do quadro de professores na escola. Este perfil docente contribuirá para um currículo mais embasado na cultura e identidade surda, pois será pensado, planejado e executado por um professor surdo, nativo da Língua de Sinais. É de grande importância, para os alunos surdos, uma referência de professor surdo, isso contribuirá de forma positiva na sua autoestima e influenciará na construção de sua identidade surda.

Há muito para ser feito, ainda, no que tange aos direitos linguísticos dos surdos e ao acesso a uma educação compatível com suas peculiaridades. As instituições de ensino precisam proporcionar recursos linguísticos para que o surdo possa se desenvolver de forma autônoma, preparando-o para enfrentar desafios, não o vendo sob o ângulo da surdez, mas da diferença. A criança surda, quando aprende por meio de uma educação bilíngue, onde a Libras vem como primeira Língua e base linguística para o ensino do Português, tem um maior desenvolvimento intelectual do que quando aprende sem o uso da mesma.

Sem o acesso a Libras, sobretudo, na educação infantil, o surdo continuará sem conhecer sua própria Língua e, possivelmente, apresentará dificuldades de leitura e escrita na língua Portuguesa e seu aprendizado em todas as disciplinas ficará comprometido.

REFERÊNCIAS

APLLE, Michael. **Repensando ideologia e currículo**. In: MOREIRA, A. F; SILVA, T.T. da. Currículo, Cultura e Sociedade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BRASIL. **Lei nº 10.436**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 24 de abril de 2002.

_____. **Decreto nº 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Brasília, 22 de dezembro de 2005.

COLL, C. **Psicologia e Currículo**. São Paulo: Ática, 2000.

FENEIS. **Língua de sinais ou língua brasileira de Sinais**. Disponível em: <<http://www.feneis.com.br/sob-libras.htm>> Acesso em 20 de julho de 2016.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** (Série Atualidades Pedagógicas). In: Brasil, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 1997.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

HONORA, Márcia. **Inclusão educacional de alunos com surdez: concepção e alfabetização: ensino fundamental, 1º ciclo**. São Paulo: Cortez, 2014.

KARNOOP, Lodenir B. **Língua de Sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo**. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulália. (Orgs.). **Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LACERDA, C. B. F. et al. **Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos**. Material didático ou instrucional – livro de apoio para a Disciplina Introdução à Língua Brasileira de Sinais Educação a Distância. São Carlos: UFSCAR, 2011.

LADD, P.; GONÇALVES, J. **Culturas surdas e o desenvolvimento de pedagogias surdas**. In: KARNOOP, L. B.; KLEIN, M; LUNARDI – LAZZARIN, M. L. (orgs.). **Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: ULBRA, 2011.

MINETTO, Maria de Fátima. **Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio**. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2008.

QUADROS, Ronice Muller de; SCHMIEDT, Magali L.P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RANGEL, G. M. M.; STUMPF, M. R. **A pedagogia da diferença para o surdo**. In: LODI, A. C. B.; MELO, A. D. de; FERNANDES, E. (Org.). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Mediação, 2012.

SILVA, S.C. et al. **Apropriação cultural e mediação pedagógica**: contribuições de Vygostsky na discussão do tema. Psicologia em Estudo. Maringá, 2011.

SKLIAR, C. **A Surdez, um olhar sobre as diferenças**. 3ª edição; ed. Mediação – Porto Alegre – RS – 2005.

_____. **C. Atualidade da educação bilíngue para surdos**: interfaces entre pedagogia e linguística. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

STROBEL, Karin. Revista virtual de cultura surda e diversidade. Disponível em:> <http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/03/perfil.php>>. Acesso em 12 julho 2016.